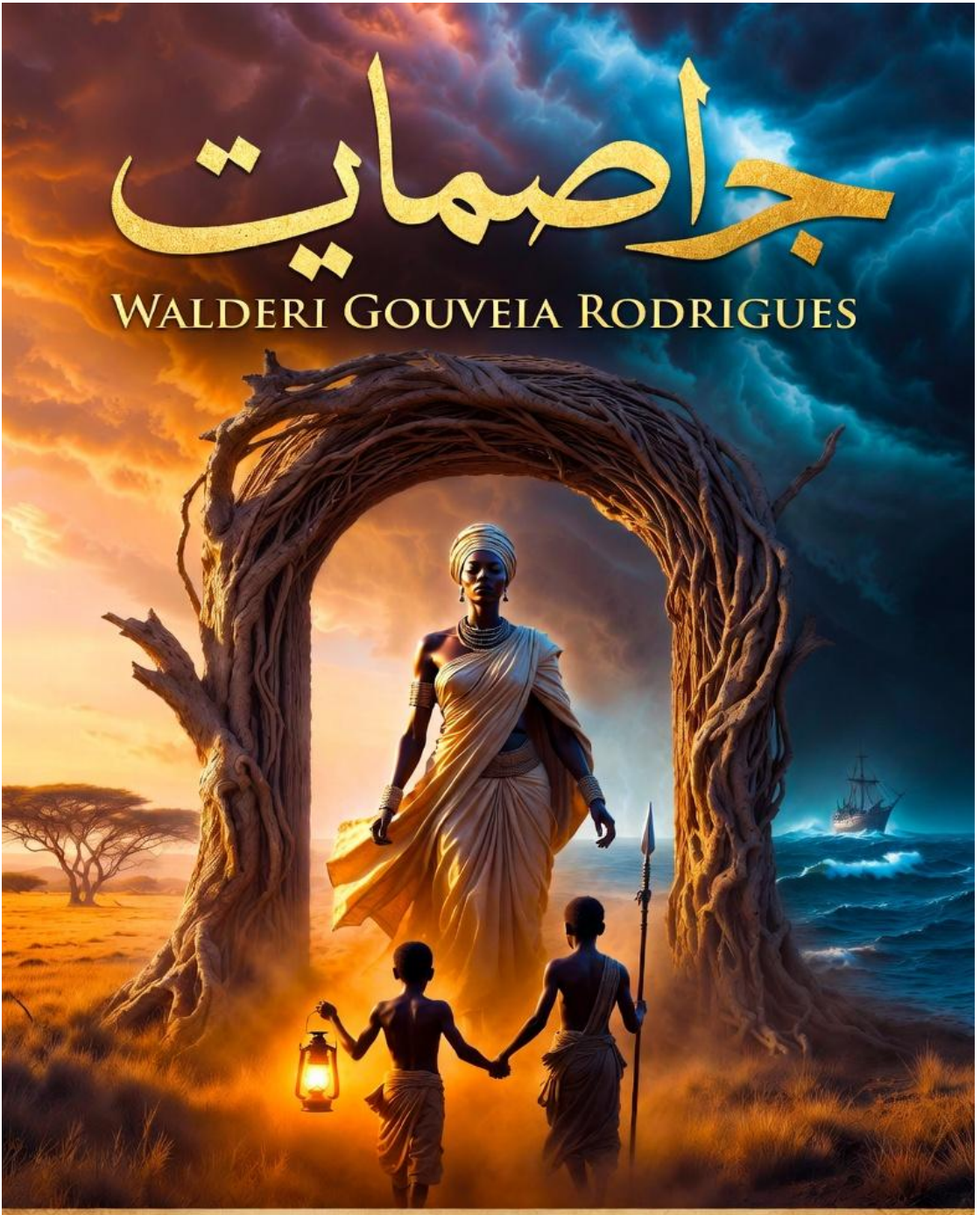
جراصمايت

Walderi Gouveia Rodrigues

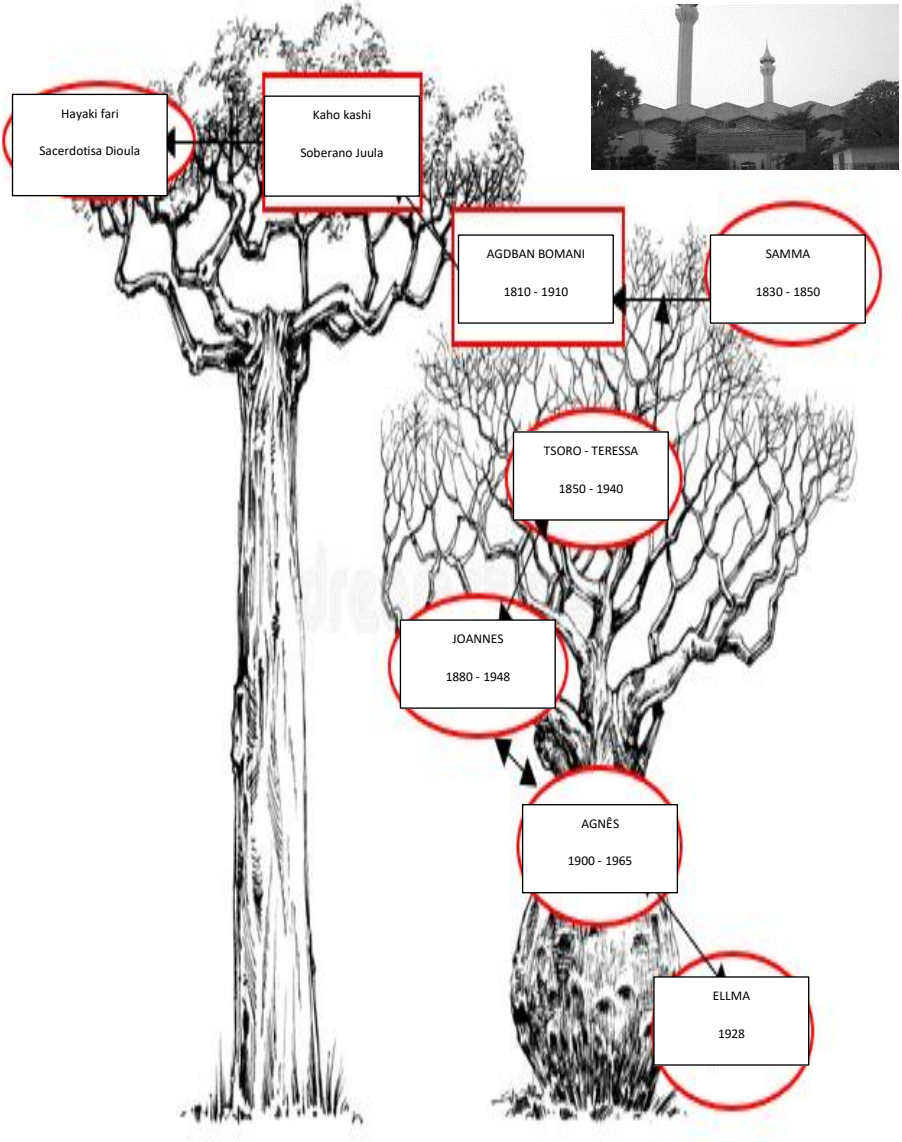


Travessia - Volume 1

Walderi Gouveia Rodrigues

Travessia

Volume 1.



ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO COM TODAS AS “TRAVESSIAS DA LINGUAGEM E DO IDIOMA ANCESTRAL.

TRAVESSIA

Walderi Gouveia Rodrigues

2026

DEDICATÓRIA

Ainda que preso...respiro;
Mesmo que a liberdade
seja esse rápido dilema
entre a vida vivida
e a morte que espreita.
Agdban Bomani

A minha avó Inez Gaia Gouveia.

EPÍGRAFE

Não esqueça das lições que aprendeu no deserto:
A fome, a sede, a dor.
Livro do Deserto.

PRÉFACIO

...Humberto da Costa Moreira

A obra Travessia é um relato brilhante da saga do negro (preto) contra a escravidão. O autor aborda o tema com riqueza de detalhes desde a captura até a luta dos escravizados para conseguir se proteger num quilombo.

O livro aborda religiosidade e o embate contra os escravocratas. E isso acontece no dia a dia, diferente do se aborda em “Amistad” (Spielberg) onde a batalha é travada nos tribunais.

> “Ao raiar do dia 2 de julho de 1839, negros africanos a bordo da escuna Amistad, um navio negreiro, rebelam-se contra os seus captores, matando dois membros da tripulação e assumindo o leme do barco, que os estava transportando para uma vida de escravos numa plantação de açúcar em Puerto Príncipe, Cuba.”
>
> “Uma representação épica de uma batalha sobre um navio cheio de escravos que se revoltam contra seus captadores em alto mar e ancoram em solo americano. Inicialmente, o argumento nas cortes era sobre o problema da propriedade e posse. Gradualmente, os advogados de defesa entendem que a humanidade dos homens vira mercadoria através da escravidão...”

É uma leitura para pretos e brancos que se interessam pelo tema.

Ótima narrativa de Walderi G. Rodrigues.

PALAVRAS

Existem muitas maneiras de ver o mundo. Os nativos americanos, os americanos nativos, os aborígenes da Austrália, os Achuar, etc. diferem entre si e se diferem internamente; cada indivíduo vê a si mesmo como protagonista da sua história e da história geral. Pois, o mundo só é possível a partir de sentidos únicos. Portanto, a não existência de uma história singular, autônoma, não descrita, pressupõe a morte de seu protagonista. Um nativo americano poderia contar a passagem de um cometa como um presságio de algo por vir, embora sempre algo esteja por vir; enquanto um homem da ciência poderia dizer que sua órbita ocasionará um impacto com o planeta Terra daqui a trilhões de anos. Portanto, apesar de sua aparente igualdade catastrófica, nada é mais desigual do que a visão que um homem da ciência tem do mundo aparente em relação a todos os outros. Seus cálculos, suas leis físicas e quânticas estão para eles, tão exatas, que a exatidão é o próprio abismo das suas verdades.

Gomes Eanes de Zurara, cronista da corte de D. Afonso V, escreveu em Crónica do Descobrimento e

Conquista da Guiné o relato enternecido da venda e partilha de 235 escravos, disse ele: *...«Uns tinham as caras baixas e os rostos lavados em lágrimas, olhando uns para os outros; outros estavam gemendo mui dolorosamente, esguardando a altura dos céus, firmando os olhos em eles, bradando altamente, como se pedissem socorro ao Pai da natureza; outros feriam seu rosto com as palmas das mãos, lançando-se estendidos no meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto, segundo o costume de sua terra, nas quais, posto que as palavras da linguagem não pudessem ser entendidas dos nossos, bem correspondiam ao grau de sua tristeza."*[1]. Por outro lado, a perspectiva do cativo era bem diferente, acreditamos. O marinheiro, o capitão do navio que prestava seus serviços aos compradores de

---

[1] ..."huüs tiinham as caras baixas, e os rostros lavados com lagrimas, olhando huüs contra os outros; outros estavam gemendo muy doorasamente, esguardando a altura dos ceeos, firmando os olhos em elles, braadando altamente, como se pedissem acorro ao padre da natureza; outros feryam seu rostro coro suas palmas, lançandosse tendidos em meo do chaão; outros fazjam suas lamentaçooês em maneira de canto, segundo o costume de sua terra, nasquaaes postoque as pallavras da linguajem aos nossos nom podesse seer entendida, bem correspondya ao graao de sua tristeza." Gomes Eanes de Zurara, cronista da corte de D. Afonso V. Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné o relato comovido da venda e partilha dos 235 escravos.

homens pretos vindos da África, tinha sua visão etc. Por fim, o ganho e os interesses do sistema sufocavam qualquer possibilidade de respeito.

Perguntaria o leitor onde queremos chegar, com a obra; esta, não é uma obra política ou alto ajuda na intenção de compreender os meandros da vida do preto escravizado no Brasil; porém, também não se enquadra em uma genealogia histórica, pois muitos episódios são e não são ficção, dependendo como discorremos e do ponto de vista da crença de cada leitor envolvido na história. Confesso que muitas noites, nas encruzilhadas entre o sono e sonho, me sentei debaixo da Grande Árvore Sagrada em frente à Mesquita de Bamako ou olhei a cidade, banhando-me na beira do rio Niger.

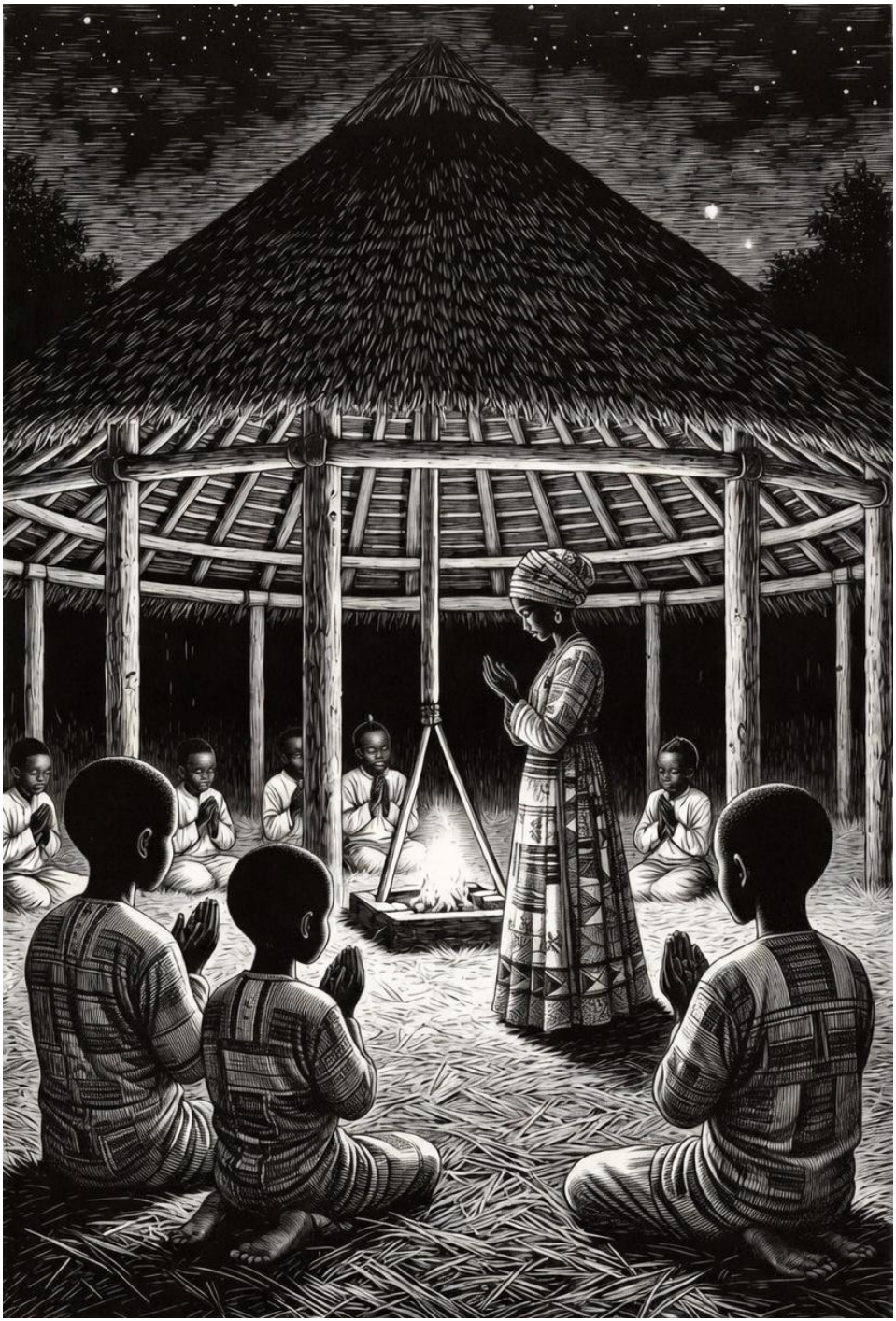
O leitor, que é sempre o objetivo de um livro, deve avaliar cada virgula de minha história, cada parágrafo e discernir entre realidade e singularidade.

> “Se você não sente vergonha de nada, então você pode fazer o que quiser.” (Abu-Masud: Bukhari)

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE
PREFÁCIO
ALEF, LAM, MIM
MAI TSAMI
KWANTO
ZACUM
RANA
KALUNGA
DARE
DABBAR
MUTUNS
RUDU
SAURAN BANGAREN DUNIYA
UBAN KOWA
KAFIRI YANA
MOTUA
KARSHEN

“Quem busca o conhecimento e o acha, obterá dois prémios: um por procurá-lo, e outro por achá-lo. Se não o encontrar, ainda restará o primeiro prémio”.



ALEF, LAM, MIM.

ALEF, LAM, MIM

Na noite de Natal nos reunimos em frente ao antigo casarão, meu irmão caçula voltava de sua viagem, depois de 40 anos nas montanhas de Minas Gerais; sua esposa, uma graciosidade de senhora, nos brindava com o sorriso e a paciência dos baianos. Um casamento interessante, um negro com raízes na África Subsaariana e uma branca, com aparente descendência europeia fincada nas fazendas do cacau da Bahia e Alentejo. E bem antes, quem diria, descendente do capitão do navio negreiro "Regeneradora", o tumbeiro fez três viagens entre a África e as terras do Brasil, transportando aproximadamente duas mil pessoas em apenas três anos. Entretanto, nada mais sobressaía sobre ela, a não ser, o forte balanço do mar. Escutava as ondas e os gritos do marinheiro que vinham ao longe, abrindo caminho quando andava. Penso, só eu ouvia.

As conversas se alongam, com abraços, apresentações; a lua cheia abre em leque logo abaixo e acima do poço do mato; ficamos atônitos com tal beleza. Nos afastamos do grupo familiar para trocar algumas conversas particulares, estas que os irmãos têm depois

que se afastam por muito tempo. A conversa esbarra em Ellma, nossa mãe, que a saudade não deixa esquecer. Lembramos do jeito de andar, as roupas coloridas, os bordados, os enfeites nas cristaleiras, as porcelanas e os modos a mesa, estilo francês.

_ Os modos a mesa... lembra? fomos educados ao modo francês, garfo do lado da mão esquerda, braços fora da mesa, guardanapo..._ disse ele.

_ Lembro muito bem, como não lembrar?...

_ Estou vendo agora _disse ele _ nossa mãe acendia um cigarro e ficava olhando o infinito, perdida em seus pensamentos...

_ Ou orações _ completei.

_Orações? _ perguntou um pouco assustado e perplexo.

_ Orações _ repeti _ a direção que ela ficava olhando era sempre a mesma ... Meca.

_ Você é um sonhador mesmo _ sorriu _ não... se for essa, sua teoria, seria mais interessante dizer Jerusalém, e, não Meca.

_ Não meu irmãozinho _ toquei em seu ombro e falei _ é Meca que fica naquela direção _ apontei _ Alla seja louvado _ completei _ Tsammani, Tsammani.

Meu irmão e todos os outros da casa, foram educados na fé, com liberdade para escolher religião e crença.

No princípio, como a maioria dos meninos e meninas da cidade do interior, frequentávamos as missas na igreja e os batuques nas casas de santo e outros mundos que eu vi e conquistei. E lá, a encruzilhada da vida é um lugar para poucos.

_ Parece distante _ bateu em meu ombro e sorriu _ como você está meu irmão?

Os familiares à mesa conversando em pequenos grupos, uns riem e outros se relacionam com palavras mais ásperas, conforme a necessidade ou a disposição do espírito; falam todos em uma altura; que, quem é de fora do convívio, estranha. Falamos alto e isso é natural e genético. Todos gritam com todos. E nesse conversar mais intenso volto para casa por instante, bem longe.

Na grande maloca estão reunidos os filhos de Mama Hayaki Fari e Kaho Kashi: Daya a primeira filha, Wuta o caçador de antílope, Babban o que fala com os deuses, Agdban Bomani o menor guerreiro e Tsoho o viajante.

_ Olhe o que trouxe para Mama Hayaki Fari _ Tsoho entra no grande salão rompendo o silêncio preparativo das orações _ a mais lindas das joias do reino de Benguela e Daomé.

_ Uma escrava ou um escravo para a lavoura? Interrompeu Daya.

_ Fique em seu lugar Tsoho _ disse calmamente Mama Hayaki Fari.

O silêncio penetrou o salão. As orações serão iniciadas. O Salat, curvando o corpo repetidas vezes em pé, logo depois todos se ajoelham e tocam a cabeça no tapete que cobre o chão, reverenciam em direção a Meca a Allá. São cinco as orações diárias: salat-ul-fajar, salat-ul-zohar, salat-ul-asar, salat-ul-maghrib, e finalmente, a salat-ul-isha.

_ Allāhu akbar.

_ “Subhanaka Allahumma wa bihamdika, wa tabaaraka-smuka, wa ta’ala jadduka, wa la ilaha ghairuk”

_ “A’udhu billahi minash-Shaitanir-Rajim”

_ “bissmillahir-Rahmanir-Rahim”

_ Da sunan Allah, Mai rahama, Mai jin kai. Godiya ta tabbata ga Ubangijin halittu. Clement, Mai rahama. Mamallakin ranar sakamako. Kai kadai muke bautawa kuma daga gare ka kadai muke rokon taimako! Ka shiryar da mu ga hanya madaidaiciya. Zuwa tafarkin wadanda ka yi wa ni’ima, ba zuwa ga hanyar mugaye ba, kuma ba zuwa tafarkin wadanda suka bata ba.

_ Amin.

As orações terminam.

MAI TSAMI

MAI TSAMI

As preces para Allá terminaram, então Tsoho pode apresentar o artefato precioso de sua viagem, um tapete, joias e especiarias dos reinos de Benguela e Daomé.

_ De Daomé trouxe esse colar cravejado na mais linda pedra verde e de Benguela trouxe especiarias, finas ervas, leite; do deserto das terras do marido de Sabá... trouxe estes tapetes para enfeitar o piso da tenda de minha Mama rainha.

_ Alláh seja louvado. Falou Daya.

_ Traga a mim Tsoho, deixe eu ver de perto.

Tsoho se aproxima de Mama Fari, levando os presentes.

_ Venham homens, tragam meus presentes para nossa rainha. Grita Tsoho _ veja se não são as mais belas de toda terra de nosso Deus _ mudando o tom de voz.

Mama Fari examina minunciosamente os presentes.

Ao tocar a joia em pedras verdes entra em um estado espiritual próprio dos Dioula. Estamos no mesmo campo ao pé de um velho Baobá.

_ Mama Fari _ falei.

_ Agora entendo o que me disse Mãe Busa sobre a Kalunga e o Baobá.

Mama Fari me olhava com seus olhos azuis penetrantes, devia estar com seus cinquenta anos ou mais, a postura corporal não escondia a sua condição de realeza, nariz levemente empinado, pescoço longo e largo, com vários colares de osso e pedra adornavam cada curva, era alta como Mama Ellma, cada passo que dava em minha direção logo espalhava um vento quente e um perfume de ervas aromáticas. Só posso comparar ao perfume de jasmim, mas, não era jasmim, eu sabia; qualquer cheiro, exceto jasmim. O corpo era ligeiramente magro, sobreposto por peles de antílope e cordas de algodão, nos pés amarrado ao tornozelo outras tantas joias de pedra e osso; os pés descalços tocavam o solo arenoso e desenhava sobre as folhas as marcas que permaneceriam nos meus sonhos por anos.

_ Quando um filho nascia, a criança só recebia o nome quando o seu umbigo secava, a mãe também ficava reclusa neste tempo, então fazia uma festa grande, o pai trazia uma cabra e a família da mãe as bebidas fermentadas, só depois era anunciado o nome da criança em voz alta para que as árvores e os animais da terra ouvissem _ disse-me Mama Fari _ todos os animais, todos _ tocou em minha cabeça e disse _ Mekondjo.

Caminhamos pelo terreiro passando por um grande totem representando um rosto alongado com olhos largos; Esu abre as portas dos reinos de Dioula e Juula, Adra faz a centralização do povoado; nos aconchegamos debaixo de um frondoso Baobá. A lua cingia no céu estrelado e iluminava cada canto do vilarejo, sombreava o chão com as silhuetas das tendas.

_ Não sei ainda quem é você Mekondjo. Me chamas de Mama Fari como meus filhos. Há algo que reconheço, porém, não sei ainda o que é.

Permaneci calado por um instante procurando palavras, não achei.

_ Foi Allá que me colocou aqui ... eu sinto que tenho um propósito. _ Pensei.

Logo as imagens foram se desfazendo e Mama Fari ficando distante, estendi meu braço para alcançar seu rosto. As imagens ficaram turvas e distorcidas. A realidade e o sonho são um universo de poucas bordas.

KWANTO

KWANTO[2]

> Ele sabe o que há na terra e no mar; e não cai uma folha sem que Ele disso tenha ciência. (Maomé)

Vieram das terras da costa, próximo de Luanda, armados com arcabuzes e carregando ferros, adentraram o continente africano em busca de pretos que fossem fácies de capturar e que mantidos em cativeiro por outros reinos em função da guerra tribal, disputa interna ou mesmo inveja e desprezo por parente ou convicções religiosas, pudessem ser comprados.

Babban e Bomani na encosta do monte escondidos entre os arbustos, olhavam os servos bebendo água, o sol já havia nascido, suas orações pronunciadas, observam a sutileza de uma leoa e sua tática de aproximação, a leoa de um porte médio se arrastava por entre a vegetação rasteira, já iam algum tempo que ela imóvel observava suas presas.

---

[2] emboscada

_ Ela sempre escolhe o mais fraco _ sussurrou Babban _ eles estão mais vulneráveis aos predadores. _ Completou.

_ Allá é compassivo e generoso com os fracos e tementes. _ Disse Bomani. E Allá disse também... “E se alguém salvar uma vida, será como se tivesse salvado toda a humanidade” ... o servo é uma vida.

_ A leoa também precisa alimentar seus filhotes. Por isso os deuses são justos. _ Disse Babban.

Permaneceram ali entre os arbustos, quietos.

O predador se aproxima lentamente, rastejando entre as folhagens, usam arcabuzes e lanças e são pretos Imbangalas, uma sociedade militarizada que servia aos portugueses desde 1557; eram comedores de carne humana; séculos depois da chegada dos portugueses, se associaram a outros grupos, os huambos, Bienos e os Ambalundos. Sendo que no século XVII seus hábitos antropofágicos se tornaram ritualísticos e simbólicos. Enquanto Babban e Bomani observam a sutileza da leoa, são surpreendidos por um grupo de caçadores de escravos. Não gritam. São espancados fortemente no crânio e desfalecem. Os dois meninos são carregados por

outros negros acorrentados e já conformados com a condição imposta por seus algozes. Adormecem por dois dias. Quando acordam, é noite sobre a savana africana. Bomani procura por Babban e não encontra no grupo que está unido a ele. O medo toma conta de seu coração, olha para o céu e procura por Allá. Tem dificuldade de pronunciar palavras, algo distorce sua compreensão. Adormece novamente.

Quando no terceiro dia desperta sua consciência, está sendo arrastado em um charco para dentro de uma canoa com mais pretos dentro do que ela poderia suportar.

Procura por Babban e não reconhece o irmão no meio daquela gente. A travessia é longa pelo rio com todos os cativos remando e sendo espancados a cada vez que levantam a cabeça. Não há como orar para Allá. Em um instante a canoa começa a encher de água. Um preto com uma tez fina joga uma meia cabaça, fala algumas palavras e faz gesto; as palavras não entende, os gestos sim, era para tirar a á água de dentro do bote para não afundar. Baixa a cabeça e repete o ritual por muito tempo, então chega à noite e a canoa encosta em uma porção de terra.

As feras espreitam almas pretas, desoladas e abandonadas a sua própria sorte.

ZACUM

ZACUM

Acordei na madrugado ouvindo meus próprios gritos, as tormentas do mar e o lamento no interior do porão me entristecem. Lá estava entre eles Zacum a árvore espinhosa que cresce no Jaanã, provei de seu fruto amargo e espinhoso e a doçura aumentou meus tormentos.

_ Foi isso que senti quando estava em alto mar dentro do estomago daquele barco _ disse Agdban Bomani a Tsoro.

_ A casa dos ferros também é o estomago de um tumbeiro? _ perguntou Tsoro.

O homem branco é como os frutos do Zacum, são amargos e espinhosos... cheiram mal.

_ E a sinhazinha?

_ Tem a alma dos deuses da minha Mama Fari. _Completou com a voz triste _ contava Mama Fari, que quando o grande Deus criou a terra, colocou dentro de uma cabaça grande. A terra como uma cabaça menor, flutuava sobre as águas do interior da cabaça maior... assim fez para terminar sua obra; encheu a cabaça menor

de água. Nas bordas onde as cabaças se unem é que mar e céu se juntam. Dentro dessa cabaça maior e em cima da menor Deus com sua habilidade formou céu e lua, duas grandes bolas e a envolveu uma em frio e outra em um fogo flamejante, mas não tinha nada na terra sobre a cabaça menor; então, Deus mandou que a Água Sagrada da palma de sua mão caísse da cabaça maior para o chão, a terra tonou-se fértil. Então se juntou a terra na união de corpos para gerar os seres vivos. Salpicou de barro, o chão e nasceram dois filhos, o chacal e uma serpente meio homem e um homem meio serpente. Os gêmeos...

Tsoro não tira os olhos de Agdban Bomani, assim, adormece no chão da palhoça improvisada.

As águas turbulentas do oceano e a tempestade que se aproximam a bombordo assustam o marinheiro. Do alto da gávea, o marinheiro atônito grita.

_ Tempestade a bombordo e navio com bandeira inglesa a estibordo capitão.

_ Vire a bombordo _ falou o capitão ao seu imediato. Em direção a tempestade. Velas a toda marujos.

O navio negreiro embrenhou na tempestade e sumiu das vistas do navio inglês. Os trinta dias que passaria no mar para atravessar entre o Porto de Luanda e Recife, agora eram incertos, entraram na tempestade, a noite tomou conta do convés, as águas que estavam calmas, com fúria cobriam a escuna, levando tudo pela frente, cordames, barris de suprimento com água doce, pano de velas, atirando todas essas coisas ao mar, inclusive marinheiro que perdia as forças na briga para equilibrar o corpo em cima do convés.

_ Homem ao mar, homem ao mar _ gritam outros.

No porão estavam os pretos aprisionados de várias nações, Nagôs, angolas, malês, mandingas, espremidos em um espaço minúsculo. Muitos gritam e choram implorando a seus deuses. Seus deuses não respondiam, nada faziam, os deuses não alcançavam o alto mar. Este lugar estava sendo construído e mais tarde as almas escravizadas chamariam nas sombras dos pretos velhos, a Kalunga.

A Kalunga, este mar de almas pretas não pertencia a nenhum deus antes da grande diáspora, foi se

configurando a cada corpo atirado ao mar e a cada prece e lágrima derramada por várias nações africanas.

O porão inundava, a água cobria parte do corpo dos pretos fracos de alma. Em um canto nada abalava a fé de um menino. Agdban Bomani recitava sua oração da tarde “salat Magreb”.

_ Allah shi ne mafi girma, Allah shi ne mafi girma...

A tempestade que a qualquer momento derrubaria a escuna “Regeneradora” as profundezas do mar e transformariam corpos em almas para Kalunga em construção, findou, a noite se abriu sobre o tumbeiro, todas as almas silenciaram seus choros, apenas o menino no canto na escuridão do porão recitava suas orações.

_ Da sunan Allah, Mai rahama, Mai jin kai...

... Zuwa tafarkin wadanda ka yi wa ni'ima, ba zuwa ga tafarkin mugaye ba, kuma ba zuwa tafarkin wadanda suka bace ba.

O mar calmo se encerra na noite, as luzes opacas da proa cintilam ao vento que vem do boreste.

RANA

RANA[3]

Apesar desse ímpeto de coragem e fúria de um leão que todo guerreiro mandinga tem, Agdban era um homem sábio, conhecedor dos segredos dos deuses e das ervas. Carregou por muito tempo sua religião no coração. Dizia ele que sua mãe Hayaki Fari, sacerdotisa Dioula, não professava o culto a Allá, mas sim, aos velhos deuses tribais e seu pai Kaho Kashi, soberano da tribo Juula, adorava a Allá com fervor. Os dois se entendiam e dividiam a fé nas orações. Em seus cantos na madrugada da fazenda dizia: "_A proteção de Alla substitui a armadura e o capacete, as barreiras mais altas dos castelos de pedra irão ruir".

Meu pai se juntou com uma preta de Angola que servia a casa grande e era a protegida da sinhazinha.

_ Preta dos olhos azuis _ dizia meu pai _olhos da cor da noite estrelada...fala amansada... doce... inebriante sorriso de menina... preta livre.

Chamava de Samma.

---

[3] DOM

_ Quando Samma pariu você, o feitor enciumado á deixou trancada na senzala por dias, sozinha, sem água, comida ou as ervas de cura. A sinhazinha estava para a cidade grande e sem a proteção dela, ficou ali até morrer. Quando a sinhazinha chegou já era tarde. Fiquei furioso e tentei matar o feitor, fui castigado, levei trinta chicotadas, aí desfaleci. Não vi onde jogaram meus olhos azuis de Angola, a minha Samma.

Meu pai olhava triste para o céu, não derramava uma lágrima, apenas o ódio distendia de seu rosto serenado.

_ Guerreiro Mandinga não chora _ dizia sempre que falava sobre minha mãe Samma _ espera e finca sua lança no coração do seu inimigo.

E foi isso que fez quando os espíritos ancestrais de sua mãe tomaram conta de seu corpo. O feitor feito em pedaços pela foice da morte. Esu tomou conta de suas mãos e Adroa dos pés. Adroa que ajuda a quem está próximo da morte, aliou seu lado perverso a astúcia de Esu, assim esperaram na tocaia, atrás da casa grande, próximo as forragens de algodão e desferiram toda a ira de África contra quem Agdban queria destruir.

KALUNGA

KALUNGA

Busa, a sacerdotisa de Mama Fari, disse que a Kalunga seria essa travessia do grande mar do tempo, e que muitos vagariam de lá para cá. Alguns mais presentes do que outros. Essa passagem para a Kalunga aconteceria muito antes da morte do preto. A morte seria só o complemento de uma viagem que para alguns é tribulada e para outros é mais serena. Mama Fari ainda não entendia dos segredos e dos mistérios da vida. Apenas cantava diante do Baobá sagrado.

_ Estava Xangô passeando com Ayansa, e, encontrou próximo de um Baobá, um espírito dos mortos... um “Egun Uba”, vindo do campo dos antílopes e com ele, o espírito de um iniciado na reza e no canto dos Orixás... Xangô não gostou do que viu e pediu a Senhora das Águas e dos Ventos que arredasse para outro lugar aquele inconveniente... então, lá debaixo da árvore sagrada fizeram um acordo. E decidiram que na festa do bem, o mal não se aproximaria e na festa do mal, o bem ficaria de fora. Então, Xangô cantou nos quatro cantos da cabeça do iniciado. Mas, kashi, o espírito dos mortos, já havia cantado e rezado no caminho do iniciado...

_ Deusas do vento e das águas tirai esse espírito de quem está morto do meu caminho que eu quero passar sem levar dor ou sofrimento _ disse Xango.

A deusa arriou sobre Mugun[4] os ventos de todos os cantos e as águas selvagens do fundo da terra; do céu ordenou que caísse um rio. Com as gentilezas da deusa, o espírito dos mortos se recolheu debaixo dos panos na casa dos mortos no “Mara Kiau”[5].

_ Mama Hayaki Fari, sacerdotisa dos Dioula, rainha e mulher de Kaho Kashi rei dos Juula, me contou e eu Agdban Bomani conto a Tsoro, minha filha; que deve contar a sua filha, que contará a sua neta; assim, para o Kollun, a eternidade do tempo. Do mesmo modo o espírito voltará para Mama Fari e á encontrará debaixo do grande Baobá.

Tsoro dormia.

Um esturro, um assovio e já amanhecia na floresta. Ao longe o barulho da água do rio que correria, parece romper cada pedra no caminho e cada pedaço de

---

[4] mal

[5] Não importa o que.

chão. A neblina já se dispersa e abre a mata para os roedores. Precisam caminhar mais algum tempo, agora margeando o rio, desviando para dentro da mata, sempre que perceberem um povoado.

_ Vamos Tsoro... vamos mais perto do rio... como está seu pé?

_ Está doendo um pouco, mas, consigo caminhar.

_ Venha... fique perto e apoie nesse cajado. Logo desceremos esse monte e ficaremos bem próximo do rio, pegaremos alguma comida.

Os espíritos das matas acompanham de perto os dois pretos. A mãe da mata abre caminho na jurema; Bomani e Tsoro ganham os campos alagados e os tabocais na beira do grande rio.

_ Não podemos atravessar aqui, é muito largo, devemos procurar um estreito... é mais seguro para você Tsoro.

Caminharam por léguas e novamente a floresta se fecha sobre eles, a noite descai sua escuridão e o frio morno toma conta do lugar. Com um pouco de folhagem e galho improvisam um abrigo, Bomani se sente seguro e

acende uma pequena fogueira para espantar as feras que podem habitar aquele lugar. É hora da Salat Magreb, oração do pôr-do-sol.

_ Allah madaukakin sarki...na shaida babu abin bautawa da gaskiya sai Allah...

A noite vai se prolongando. Tsoro se acomoda perto do corpo de Bomani e adormece rapidamente.

A noite já chegava pela madruga quando Bomani ouve o barulho de quebrar de galhos, pensa na mais terrível das feras. Abre os olhos e se prepara para a defesa com uma lança improvisada e a foice que trouxe da fazenda, a mesma que desconfigurou o feitor. Não respira, só transpira, o medo toma conta de seu corpo, mas sua alma fala mais alto e ele ouve dentro do sua cabeça as palavras de Allá.

_ Mutum mai karfi shi ne wanda zai iya kame kansa idan ya ji tsoron wani abu.

_ Godiya ta tabbata ga Allah. _ Sussurrou.

Os estalar dos galhos ficam mais próximos, mais intensos e mais aterradores. Bomani observa duas pequenas fagulhas de luz como dois olhos de uma fera

monstruosa. A fera avança, hora se abaixa, outras fica mais alta, os olhos se aproximam e se distanciam e mudam de direção a todo momento.

_ Acorda, Tsoro. _ bateu em seu ombro suavemente.

_ Hum...

_ Não saia daqui até que eu volte. Cobriu com folha e galhos a filha e se afastou adentrando a escuridão.

A fogueira já havia sido consumida pela noite, apenas a fumaça se misturava a neblina. Vagou silenciosamente procurando circular a fera que se aproximava do abrigo. De súbito atirou seu corpo sobre ela rolando encosta abaixo.

DARE

DARE[6]

O abrigo de palha, iluminado por um facho de luz que vem do fundo da selva, esconde dois pretos fugidos, ou melhor, dois pretos livres dos ferros da senzala. A chuva cai mansamente sobre as folhagens, a selva é úmida e fria. O chão de folhas verdes e alguns galhos secos servem de forragem para os corpos cansados. Foram dias e noites de medo e agonia enquanto adentravam a selva fechada. Agora, pareciam mais livres e poderiam quebrar o silêncio que perdurou todos os dias de fuga. Os ferros na senzala da fazenda de arroz ficaram para trás muitas léguas, o caminho se estreitou, a mata fechou sobre eles. Estavam unidos pela liberdade e abrigados na imensidão da floresta.

_ Eu me chamo Agdban Bomani... sou mandinga _sussurrou meu pai _ minha mãe me disse que quando nasci, o sol despontava nas savanas da minha terra. Ela, prostou os ajoelhos e tocou sua cabeça na terra e pediu a Deus um bom destino naquele mundo.

---

[6] Noite.

_ Você é Agdban Bomani, nunca será escravo nesta terra.

_ Minha mãe não estava errada, não sou e nunca fui escravo de ninguém. Este mundo vasto que não conheço ainda, é minha terra de liberdade.

_Tsammani, Tsammani _ gritava insistente meu pai.

Não entendia nada daquelas palavras, ele dizia ser a voz de seus ancestrais falando com ele. Seus deuses se manifestavam nos cânticos que cantava no fundo da senzala ou nos campos de arroz. Porém, seus deuses falavam mais alto quando estava no tronco sendo castigado, e eram muitos os castigos a ele infligidos.

_ As aranhas em suas teias pensam que são fortes e estão seguras. _Olhe filha _dizia ele me apontando o céu e sua vastidão.

_Tsammani, Tsammani _ repetia insistente meu pai.

Eu não entendia a língua dos ancestrais. Só sabia a língua dos brancos que me nomearam Tereza. Porém meu pai me chamava Tsoro. Eu era Tsoro e Tereza.

Respeitada e temida por todos da senzala por causa de meu pai que era Agdban Bomani rei dos mandingas e eu a princesa Tsoro.

DABBAR

DABBAR[7]

João manco e caolho eram dois pretos de Angola que estavam já algum tempo escondidos dos seus senhores brancos naquelas matas, construíram roça e um aglomerado de pretos ao seu redor. O Quilombo dos Mutuns era provido de muitas coisas. Faziam um pequeno comércio de troca com brancos franceses que em seus bergantins, traficavam mercadorias pelo rio Amazonas e com os Tucuju e Aruak nas ilhas próximas. Diziam os pretos do quilombo que os brancos de fala doce eram mais civilizados, não mantinham cativo homem, nem mulher. Mas, os portugueses, diziam eles, eram a própria imagem da doença da escravidão. Se colocavam as mãos em preto ou índio, morte ou ferro.

Nas proximidades do rio; porém, um dia de viagem em passos largos se chegava ao quilombo, onde as palhiçadas e os vigias anunciavam a presença de estranhos. Quando queriam negociar com os franceses, armavam um acampamento com poucos homens, sempre os melhores e mais fortes lutadores como caolho e João

---

[7] Fera.

manco, que apesar da deficiência era um exímio lutador de Nguni, uma luta de bastão que aprendeu com um preto Zulu. Então, efetuavam a troca de caça, mandioca, castanhas, óleos, ouro e ervas da mata; por outro lado, os franceses lhes davam panelas, facões, machados, e informações sobre os portugueses ao longo da costa do Cabo Norte.

Em conselho, alguns dias antes das grandes chuvas, decidiram descer o rio mais ao oeste para procurar algum veio de ouro e nessa expedição exploratória viram ao longe, no início da noite, o clarão de uma fogueira que pensaram serem os portugueses a procura de algum preto fugido da construção do Forte. Iriam fazer uma tocaia e roubar suas armas e provisões. Deixaram a noite chegar para iludir os soldados com o fogo; os olhos de uma grande fera da selva. Já haviam usado este truque e mortos alguns deles durante a temporada de caça de anta.

Viram aquela sombra coberta em armadura, mas, ela logo se misturou a fumaça e a neblina da noite. Ficaram perdidos e atônitos, o medo tomou conta dos dois, João Manco preparou seus porretes e Caolho abriu

o único olho que tinha. Não houve tempo para nada e já estavam rolando ribanceira abaixo com uma fera que não imaginavam existir naquele lugar. Era Agdban Bomani o Mandinga. A verdadeira Dabbar, o protegido de Allá e dos deuses antigos de Mama Fari.

A luta foi travada na escuridão, na encosta do rio, entre os tabocais; Bomani bradava em sua língua como um leão na savana africana.

_ yaki aljani mai ido...

Desferiu socos e pernadas ferindo Caolho logo no início da luta e com a foice feriu o manco.

_ Allah ya kare ni... _ gritou.

Ao ouvir essas palavras, Caolho reconheceu a palavra Allá que lhe era uma lembrança antiga, então gritou desesperado ao ver o brilho da foice levantada.

_ As-Salamu Alaikum... que a paz esteja sobre vós. _ Levando a mão sobre os olhos para não ver seu companheiro ser retalhado.

_ Assalamu alaikum. _ Respondendo ao grito do preto e parando no ar, a foice afiada do carrasco.

Ficaram os três por um tempo sem falar, olhavam se estavam muito feridos. Bomani estava ofegante.

_ O que querem? _ perguntou desconfiado. _ estão caçando negro fugido _ levantando a foice.

_ Não...não _ respondeu Caolho _ amedrontado com a foice.

_ Vosmecê é? Indagou Perneta.

Desconfiado, porém, confiante em Allá e seus desejos respondeu que estava caçando. Nada mais disse. Foi buscar Tsoro e acompanhou os dois pretos pela mata.

_ Aonde estão indo?

_ Vamos levar os dois para Mutuns, lá tem muitos como nós, pretos fugidos. É um dia de caminhada, lá encontrará nossa rainha.

Hora ou outra Bomani atrasava o passo e olhava ao redor para ver se não seria emboscado por algum capitão do mato.

A viagem durou mais que um dia, tiveram que acampar algumas léguas antes dos Mutuns para que alcançassem o quilombo ao amanhecer. Estavam

cansados da luta e do caminho que hora ou outra era por demais íngreme. Acenderam uma fogueira pois naquele lugar que estavam era seguro, nenhum branco se atrevera a chegar tão longe nas entranhas da mata. A noite como todas as outras é fria e abafada. Esturros de onças e pio de pássaros noturnos completam a vastidão da mata.

MUTUNS

MUTUNS

Mutuns, vilarejo de pretos fugidos dos castigos e da vida entre os carrascos. A aldeia aproxima da ideia da Kalunga por conter nos corpos informações dos deuses e das coisas das terras de África. A Kalunga é juízos dos eventos e desejos dos deuses e Eguns dos velhos pretos que ficaram no grande mar dos esquecidos e no Mutuns, as entranhas dos pretos são dor e desespero. A comuna se distancia dos povoados e de seus algozes captores por uma série de obstáculos e armadilhas. Não há proximidade, embora os portugueses busquem chegar ao reduto dos pretos livres. Caolho, diz a todos que foi ele quem descobriu aquele lugar; mas, já era terra dos Tupinambás. Os nativos que habitavam a terra dos Mutuns, foram dizimados pelas doenças e por guerras intertribais durante as bandeiras que subjugaram as ervas das matas, domesticaram as raízes e atolaram os nativos nas partilhas, trocas e lutas.

Muitas das igaçabas que estão nas dispensas de grãos excedentes, foram encontradas nas grutas e cavernas, entre ossos e pequenas vasilhas adornadas com figuras de deuses sapos, jaguares, macacos e outros

bichos da terra e do ar. Depois, os pretos fizeram outras vasilhas de cuia, cabaças, cerâmica, flexas e lanças. Posteriormente ao contato com os franceses, vieram as panelas de ferro e os arcabuzes. Os ossos deixaram nas grutas e agruparam com os pretos que morreram de febre ou atacados por grandes animais.

No raiar do sol se aproximaram de Mutuns, Caolho, perneta, Bomani e Tsoro. Bomani um tempo antes, ainda no descampado fez suas orações acompanhados da filha.

_ Allá seja louvado...

Os vigias dos Mutuns já haviam anunciado a presença dos chegantes com assovios serenados. Todos queriam ver quem acompanhava os destemidos filhos dos Mutuns.

_ Olhe logo ali, são dois, parece um homem feito e uma criança. _ Falavam uns.

_ É só a sombra do Caolho e perneta. _ Outros retrucavam bravamente.

Logo o alvoroço teve fim. As sombras eram vivas, as figuras de Bomani e Tsoro foram saudadas com gritos

de liberdade. Bomani não fala muito, apenas observa o lugar, procura pontos de fuga, água, armas e mantimentos. Não sabe nada ainda daquele quilombo.

_ Uma ilusão fugaz _ diz ele para sua filha.

_ Sim. Tsoro parece entender seu pai. “Aquele lugar é uma fantasia de pretos”. Pensou.

Nada é mais desesperador do que pensar que se está seguro neste mundo.

Nessa primeira noite enquanto se acomodavam em um canto, embaixo de uma árvore frondosa, disse Bomani para Tsoro:

_ Ainda que preso...respiro; Mesmo que a liberdade seja esse rápido dilema entre a vida vivida e a morte que espreita.

Tsoro adormeceu, um sono pesado. Bomani, ficou quase há espreita de qualquer preto folgado que tentasse se aproximar. Viu Mama Fari debaixo do Baobá Sagrado, depositando suas oferendas e fazendo da reza e cantos lúgubres de amor e adoração as Eguns e outros deuses de seus ancestrais. Caminhou, chegando próximo pode notar que Mama Fari chorava. As lagrimas derramadas

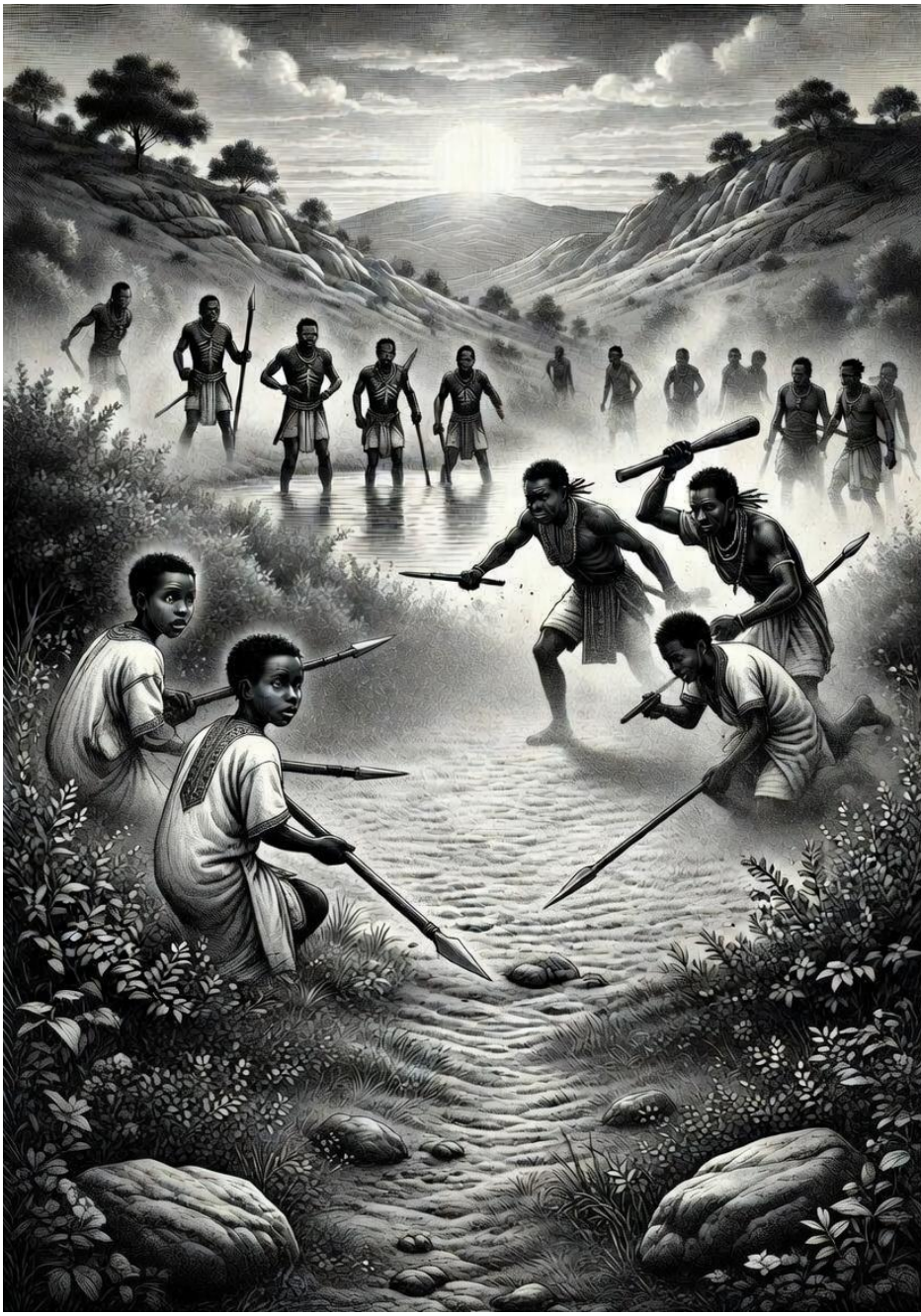
sobre as oferendas se misturavam ao sangue de cabra. Logo recuou pelo empuxe e caiu prostrado dentro da sala cerimonial de Kaho Kashi. Seu pai dedicava a sua atenção as preces de Allá.

_ Que fazes aqui se está tão longe de nós meu filho?

_ Ah meu pai.

_ Allāhu akbar.

O silêncio perdurou até que amanheceu. Mutuns crescia para a vida diária. Pretos saiam para a roça, outros para o curral de bodes e cabras, alguns para o chiqueiro e tantos para a lavra de ouro.



RUDU

RUDU

Entre todas as mulheres da linhagem de Mama Fari, Joannes foi a primeira preta alforriada. Nascida em 12 de setembro de 1878, esteve neste mundo por setenta anos, dos quais os dez primeiros, vendia ou pedia; uma preta de ganho, para seu senhor. Foi casada com o oficial português Pedro Henrique de Mendonça. O militar viu a menina nas ruas de Alencar, comprou de seu proprietário; escreveu sua carta de alforria e depressa a desposou para desconforto da comunidade rica de Alencar. Joannes sabia ler e escrevia pouco; porém, depois da morte do eminente oficial, se acercou de esquecer as letras, para lembrar das histórias de Tsoro. Pegou uma canoa a vela desceu o rio com suas joias e vestidos finos para as ilhas mortas.

_Uma ilusão*, apenas ouro de tolo, não vale nada e ... as pedras são falsas, não valem um tostão. _Dizia o regateiro.

Ellma que a avó chamava de pequena Fari, observava do fundo da sala improvisada no casebre de troncos de paxiúba na ilha dos mortos. Joannes desfazendo-se das joias que trouxe como presente de seu

senhorio depois que em 1888, o trabalho escravo acabou, se desfazia das únicas lembranças de um grande amor.

_ Um amor também pode ser uma escravidão pequena fari. _ Dizia ela.

_A “morte do meu oficial” fechou as portas _falava repetidas vezes durante o dia e seguia com a frase _Tsammani, Tsammani”. E batia na cabeça insistentemente.

Durante aquele tempo, por volta de 1888 á1896, a notícia do fim do trabalho escravo foi se alastrando vagarosamente pelas ilhas, ilhotas, rios, vilas e cidades. Então diziam os senhores de engenhos e fazendas nas bocas do Rio Amazonas que não havia mais pretos para o trabalho e a miséria chegaria assombrando com a fome e a desgraça.

A avó de Joannes, já contava setenta anos, teria sido escravizada, mesmo depois da Lei do Ventre Livre. nas ilhas e cidades do norte, no fundo da Amazônia, a notícia custava muitas remadas para chegar e muitos corações bons para que fosse efetivada como lei. Notícias boas custavam a chegar e a leitura também era hábito e conhecimento de poucos. Assim, ser escravo ou ser livre

era uma interpretação dos brancos. Joannes era mulher de um Oficial português que serviu como soldado nas cidades colônias da costa da África e depois deportado para a Amazônia, por conta de suas convicções políticas; aderiu ao costado imperial no Brasil e se radicou na cidade fronteiriça com a colônia inglesa. Todavia, existia no coração algo mais intenso e profundo que ligava aquele soldado português a Joannes. Um segredo inconfessável.

SAURAN BANGAREN DUNIYA

SAURAN BANGAREN DUNIYA[8]

Wuta o caçador de antílope não voltou para o reino Juula Dioula. Foi mais um pedaço perdido de Mama Fari; o Caçador vagou por toda África em busca de Bomani e Babban. Tsoho, o viajante, mercador conhecido na rota das caravanas africanas que traficavam, vendiam, roubavam; buscou informações sobre o menor guerreiro e o falante dos deuses até os confins do Egito, Pérsia, Marrocos. A Daya, coube consolar os inconsoláveis até os últimos dias. Depois da morte de Kaho e Mama Fari, assumiu a liderança tribal, carregando para si toda a tristeza, saudade e esperança de ver Bomani, Babban e Wuta. Tsoho aparecia sempre que cruzava as terras Mali e logo desparecia nas savanas e desertos.

O Baobá, a árvore sagrada, permanece até hoje no centro da cidade de Bamako, contrastando com a suntuosa mesquita pré-colonial, construída anteriormente de adobe e hoje um templo em honra a Allá. Assim, muitos grupos diferentes adotaram a cidade. De qualquer lugar que se olhe, o espectador contemplará a beleza

---

[8] Outras partes do mundo.

imponente do islã. Kaho, Mama Fari e Daya descansam debaixo do solo sagrada da mesquita. O corpo de Tsoho foi despojado no rio Ganges; Wuta atravessou o atlântico em um navio pirata aportando na Carolina do Norte, onde foi preso, viveu e morreu como cativo em uma plantação de fumo. Babban, foi vendido para as colônias onde hoje é Cuba, morreu aos cento e vinte anos. A Bomani o Quilombo, uma liberdade sujeita a solidão e a saudade. Seu corpo permanece na Kalunga.

UBAN KOWA

UBAN KOWA[9]

O mais distante ancestral se chamava Uban Kowa; reinou o grupo Dioula na sua fundação, quando ainda não comercializavam com os vizinhos Juula ou conheciam Allá. Eram só um grupo nômades na África Subsaariana. Quando no tempo não existiam homens diferentes, cordas, corrente e a guerra não morava no coração dos nômades Dioula que habitavam as margens do “Bahar Maliya”, o *Bahr el-Ahmar*, o *Hayam Haadóm, o* mar vermelho; Kowa, conduziu seu povo pelo território sudanês, Niger, Argélia, subindo a Mauritânia e descendo para Burkina. Sucedendo a ele Sundiata Keita, que liderou a revolução contra os Sossos, conquistando Gana e inaugurando o império Mali-mandinga.

_ Esta é a mais distante memória que consigo alcançar Tsoro, pois o sofrimento da travessia e as memórias das chibatadas, fazem de um preto como eu, um poço de mágoas e ressentimentos. Mas, tudo isso não muda ou estraga o amor que sinto por Mama Fari e você Tsoro.

---

[9] O pai de todos.

_ Nada muda _ disse ela ao pai. _ seremos sempre esse caminho de Kowa aos que virão nesta terra. A história deve ser contada, quando for chegado a hora.

_ Bomani, Bomani. _ Chamou Caolho.

_ Fique nesse canto, que eu vou e volto logo. _Falou a Tsoro e saiu em direção a Caolho.

_ O que deseja Caolho?

_ Vamos em uma expedição para ver se encontramos os franceses passando pelo rio ou algum grupo de porcos portugueses para saquear. Você é um grande guerreiro, se junte a nós.

_ Vamos “fera” da noite. _ exigiu Perneta, puxando pelos braços Bomani.

_ Sim, eu vou, mas, deixa eu falar com minha filha.

Bomani voltou a onde estava Tsoro e lhe confidenciou a necessidade de ficar alerta e não confiar em ninguém.

_ Não confie nem na sua sombra, mude de lugar durante o dia e principalmente durante a noite. Não deixe a lua iluminar o lugar onde você está. Cubra seu corpo

com ramagens e folhas, não acenda fogueiras, suporte o frio. Logo eu voltarei.

_ Tenha cuidado meu pai _ abraçou Bomani _ as feras estão à espreita na floresta.

_ Terei cuidado. Se afastando e tomando seu lugar entre o grupo que já caminhava em direção aos portões do quilombo de Mutuns.

“À noite, espreitam as feras na mata”, lembrava Bomani enquanto caminhava, olhando a cada passo e trilha que adentravam na mata. Passaram no fim da tarde por um grupo de nativos, se agruparam e acomodados entre as folhagens e troncos de árvores, evitaram o contato, pensaram ser um grupo de Aruak que mudavam sazonalmente ou indo à caça mais acima da encosta, próximo as pedreiras do rio. Lá era um lugar bom de fazer tocaia para anta.

Passado o grupo de Aruak, depois de algum tempo, seguiram caminho abeirando o rio entre os tabocais e os aningais. Um charco difícil de transpassar, mas necessário para evitar um grupo de nativos mais feroz que se preparavam a um tempo para atacar as fortificações do império na foz do Rio Amazonas.

Souberam depois que esse grupo de nativos, sobreviventes das pragas e doenças como a varíola, entre eles muitos mestiços, foram mortos pelos portugueses nas proximidades dos grandes lagos. Essa história correu nas falas dos Aruak e Tupinambá durante muitas estações.

Passados quatro noites chegaram ao destino, armaram acampamento, fizeram fogo, colocaram alguns vigias e esperaram os franceses descer o rio. Naquela noite nenhuma embarcação trafegou naquele lugar. Um silêncio que era possível escutar os pensamentos aflorando.

“À noite, espreitam as feras na mata”. E são como serpentes se enroscando nos troncos secos. Alguns dormem. Bomani olha o céu e fita as estrelas.

KAFIRI YANA

KAFIRI YANA[10]

Infidelidade é improvável entre os Mandingas. Exala um odor de morte. Não existiu entre eles aquele que sobreviveu a ira dos deuses por se mostrar de alguma forma um infiel. E não só em relação aos deuses; mas, em relação a sociedade Dioula e Juula. Não mantinham como escravos homem ou mulher, ou mesmo vendiam por ser infiel aos deuses, eram condenados, torturados e esquartejados aos pés de Adra, a grande deusa e seu sangue derramado ao pé do Baobá para os Eguns da tribo. Uma festa regada a muita bebida e comida quando conseguiam afastar inimigos internos e condenar a alma do Kafiri aos mais temidos demônios da noite, a alma de um condenado iria vagar pela noite na eternidade.

Não seria diferente nas mãos de Bomani. Seu entendimento do inimigo refletia nas figuras do feitor e do sinhozinho. Juntando a isso estava a dor de ser cativo em uma terra desconhecida.

_ A travessia modifica a alma e os modos de ver o mundo dos pretos no novo continente. No fundo a

---

[10] Ele é um infiel.

esperança de voltar não desaparece, se acomoda em um cantinho da mente e volta sempre que tem oportunidade de falar sobre ou de almejar uma possibilidade de voltar, quando estão diante do rio, é visível a vontade de atravessar para o outro lado do mundo. Mas o que resta neste continente de terras cultivadas pelas mãos calejada e pelo sangue derramado é a travessia da Kalunga. Então, repetidas vezes se aninham os sentimentos de revolta e de banzo. E vamos tentando entender e se adaptar ao terreno do inimigo. Essa selva é muito úmida e fria. Reflete a própria calunga de meus irmãos.

Caolho ouvia atentamente, a sabedoria de Bomani aflorava a cada palavra, conquistando aquele que ouvia, logo estava entre os que decidiam o futuro de Mutuns. Na noite de batuque, onde diferentes nações falavam com seus atabaques, tambores, cantos, rezas e danças, Bomani foi chamado ao centro e declarado o “Oba ẹyà”[11].

_ Alla seja louvado. Disse aos senhores do lugar.

---

[11] Rei tribal na língua dos Ioruba.

Os tambores repicaram pela noite. Muito canto, muita dança, orações misturadas ao calor do fogo e a luz das estrelas.

Bomani se senta em um tronco em um lugar mais acima no terreno do solo central do quilombo e observa. Não abaixar a guarda. Existem feras também dentro de Mutuns. A festa era a distração para que um traidor mostrasse sua cara. Tsoro está próximo ao pai e observa também a festa e o que se esconde atrás dos corpos dançantes. Foi uma de suas primeiras lições na fazenda de arroz. Observar entre os que dançam e riem, os inimigos. Naquele tempo todos eram inimigos, inclusive outros pretos.

Caolho e perneta bebem e dançam um passo imitando a luta de porretes dos zulus, outros davam umbigadas e cabeçadas. Todos os trejeitos se misturavam aos gritos e gargalhada das mulheres.

Alguém se espreita pelos cantos sumindo no meio da neblina e fumaça, ganha os campos chegando a mata fechada. Bomani o espera com sua foice entre as árvores. A lâmina cruza o ar, brilha. A lâmina do carrasco é necessária em todo lugar contra os que tramam contra a

vontade dos deuses. Sem piedade Bomani executa o traidor. O rei não está morto, o rei Mandinga vive em Bomani, como vive em Babban nas terras frias mais ao norte, Daya, Tsoho, Wuta e em Mama Fari. Todos veem o sangue do inimigo sendo derramado no pé da Árvore Sagrada.

No centro da praça de Mutuns os Eguns dançam e bebem. Tsoho observa o bailado e o canto dos espíritos dos mortos.

MOTUA

MOTUA[12]

A passagem para a Kalunga é um processo anterior a morte e demorado, acontece ainda quando o corpo se move no mundo. Mas, para os traidores chega de forma ligeira. A justiça dos mandigas é bem clara quanto a permanência de traidores no meio deles. Esse princípio veio com eles para o Brasil e se instalou nas senzalas e comunidades de pretos que fugiram e formaram os quilombos. Não sentenciam ou dosam a pena pela posição social do traidor; se ele é desconhecido, amigo, irmão ou pai, a justiça é sempre bárbara, a pena capital, hunkunci é motua[13].

_ Se eu comparar céu e inferno que os brancos vendem, o céu é o seio materno de onde fui arrancado, inferno este lugar. Neste espaço, a liberdade só é conseguida no instante em que a Kalunga chega. Portanto, dou ao traidor a liberdade, e isto é o mais detestável... dar liberdade ao preto escravo que vende seu povo. Os deuses de minha mãe, são mais fortes que o de

---

[12] morte

[13] O castigo é a morte.

meu pai; assim, um dia terei que escolher entre a lei e a devoção.

Bomani não se contentava em pisar neste chão sem pensar a cada minuto nas savanas tribais, no leão, no cheiro de ervas de Fari e Daya, no grande baobá.

_ Tsammani, Tsammani _ sussurrava com as árvores como se estivesse ao pé do Baobá Sagrado.

Havia condenado a morte o preto que traiu os Mutuns e executado sem piedade. Não entra em conflito com suas decisões. O preto durante a expedição em que encontraram os Aruak usou da neblina da noite e do sono dos companheiros para encontrar com um grupo de soldados e delatar a posição do Mutuns.

Bomani estava a espreita de algum animal da selva. Acomodado junto a um pé de sumaúma, observa quando o preto se esgueira entre os arbustos; o segue como uma leoa segue sua presa, o antílope; sempre contra o vento, silencioso, usando da noite e da neblina para confundir o preto nos momentos que se aproxima um pouco mais. O preto é ligeiro como uma suçuarana; Bomani é então um antílope, o mais veloz das savanas africanas.

_ Alguns pretos esquecem de tudo, menos de se comportarem como ingratos.

Observa e escuta a conversa do preto com os brancos português.

_ Desce o rio, depois sobe para a direção norte cortando as pedras e descendo próximo ao riacho, então vem o descampado, onde estão as armadilhas e os sentinelas _ falando e riscando o mapa no chão de argila.

_ Perfeito. _ disse o oficial da guarda imperial.

O preto recebeu suas moedas e partes outras em ouro e voltou ao acampamento dos exploradores Mutuns.

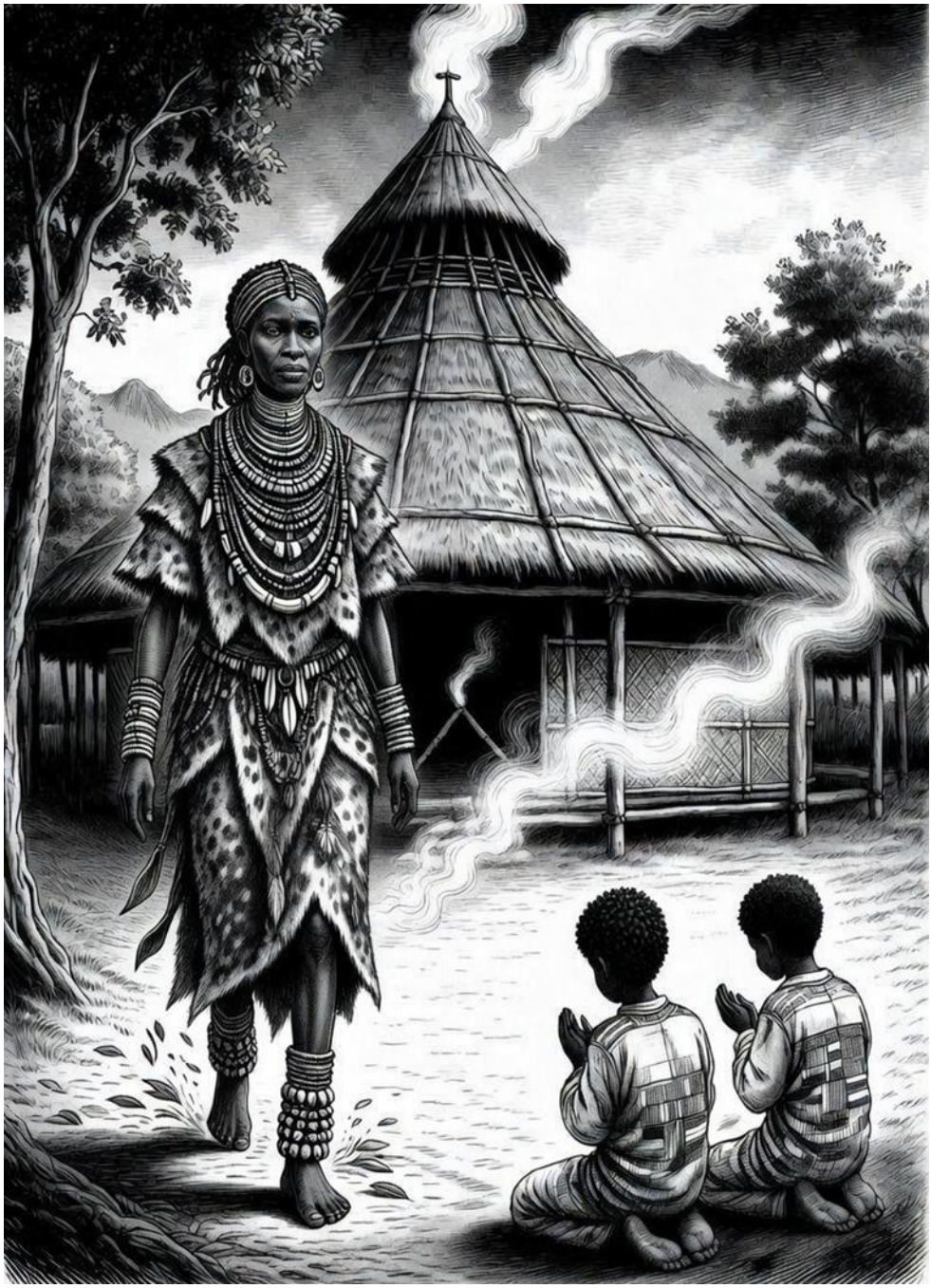
Bomani deixou a noite seguir e chegar a madrugada e avançou sobre a guarnição imperial que buscava destruir ajuntamentos de pretos fugidos. Dormiam. Não houve tempo de reação, todos foram mortos pela fúria do pequeno guerreiro.

O primeiro cortou a garganta suavemente em um suspiro, o segundo cravou a faca entre as duas últimas costelas, girou e empurrou mais fundo, para logo depois tirar e observar a vítima se afogar no próprio sangue; o outro matou como se mata um porco enfiando a faca entre

a clavícula, no vazio até tocar fundo o coração; o último não perdeu tempo degolando com sua foice que cortando o ar sibilou e atingiu certeira, a cabeça do preto caindo como ouriço de castanha e rolando pela vegetação. Depois do ataque a guarnição, volta para junto dos outros, guardando o segredo do traidor, esperando a melhor oportunidade para terminar seu ataque.

Depois do contato com os franceses e a troca de algumas pedras e pepitas de ouro por pólvora e munição voltam ao Mutuns. Uma noite de festa aguarda o grupo. Muita bebida e comida. Bomani aguarda o momento exato para seu ataque ao preto traidor. Espera pacientemente.

Sua espera finaliza quando o preto procura a floresta buscando abrigo da investida da guarda imperial que nunca chegará.



KARSHEN

KARSHEN[14]

Muito tempo passou no Mutuns, uma vida aparentemente livre, Tsoro cresceu e se ambientou ao lugar, conhecendo a mata e as corredeiras do rio, se aproximando de uns e se afastando de outros, conforme sua necessidade. Uma guerreira, com estratégia de contato superior a Bomani; superior na luta de corpo e bastão; usando seu facão desferia golpes certeiros em lugares fatais.

Considerada a rainha de todos, agregava e dispensava companhia para o bem de Mutuns. Naquela temporada de verão não esperavam o ataque das tropas e dos caçadores de pretos fugidos. Um exército de homens com pequenos canhões, arcabuzes e espadas atacaram ao amanhecer, aprisionando homens, mulheres, crianças; outros morreram no combate desigual. Caolho e Perneta foram mortos nas primeiras horas de guerra atingidos por um tiro de canhão; com eles, muitos que estavam na paliçada, ficaram dilacerados.

---

[14] O fim.

Embora a vitória tenha sido alcançada pelas tropas da cidade, composta por soldados, senhores de escravos, índios, mestiçados e pretos forros, perdurou até a noite, quando foram contabilizados os mortos de ambos os lados e os aprisionados. Algumas crianças foram atingidas pelo disparo de arcabuzes e espingardas, algumas no colo das mães; outras mortas pela espada dos oficiais do grupamento.

Tsoro, com um pequeno grupo de homens leais, foram para a mata buscando refúgio, logo acima do descampado. Conseguiram chegar no fim da tarde matando alguns homens que faziam o cerco de Mutuns. Foram cada vez mais longe, fugindo em direção oposta ao rio, entrando ainda mais na mata fechada. Foram em caminhada para o interior da floresta, subindo as montanhas chegando próximo a cachoeira grande. Não haviam alcançado o lugar em suas caminhadas corriqueiras, quando estavam em paz no Mutuns. O lugar era novo. Montaram acampamento; porém, não acenderam fogo.

Bomani. lutava ferozmente contra um grupo de mestiços e pretos, feria ou matava quando tinha

oportunidade. Protegia o grupo de Tsoro para que fugissem daquele lugar. Ficou mais tranquilo quando percebeu que Tsoro e seu grupo adentraram a mata. Ali, ele sabia, eram invencíveis. Já estava exausto, porém lutava bravamente. A árvore Sagrada veio em sua visão quando foi atingido pela espada, em seguida caiu de joelho, lá estavam reunidos os filhos de Mama Hayaki Fari e Kaho Kashi: Daya a primeira filha, Wuta o caçador de antílope, Babban o que fala com os deuses, Agdban Bomani o menor guerreiro e Tsoho o viajante, corriam ainda criança, pelas savanas e "velds"[15]; uns dias desérticas, outras verdes; corriam como o antílope; atacavam como a leoa; emboscavam como o lobo.

Ao olhar Mama Fari, entendeu que chegou a hora da travessia, baixa a cabeça encostando ao solo reverenciando a seus deuses.

_ Allāhu akbar. _ o tempo se abre para a jornada na Kalunga.

Todas as coisas nos Mutuns são destruídas ou pilhadas como prêmio aos homens que guerrearam contra

---

[15] Estepes.

os pretos fugidos. O fogo consome naquela noite estrelada, todas as afirmações de uma sociedade preta; assim, vai permanecer muito tempo, depois de tudo ter se arrastado para a liberdade, uma marca que não se sustenta nos discursos dos novos senhores, agora brancos, mestiços, negros. A sociedade transformada definha em outro modelo de escravidão. As pessoas não são livres, nem quando se sentem livres, a liberdade é outra coisa, não igualdade.

TRAVESSIA VOLUME II -

...Foram alguns dias até assentar a dor e o desespero, a fumaça sessou, e desejaram voltar ao Mutuns para enterrar seus mortos e contabilizar as perdas. O corpo de Bomani estava no centro do que foi um povoado. Tsoro, com outros guerreiros carregam o corpo de Bomani. Preparam-no para enterrar como manda a religião. Uma mescla de coisas acontecem com as orações e os tambores tocados durante a noite...

بِسْمِ اللّٰهِ الرَّحْمٰنِ الرَّحِيْمِ

اَلْحَمْدُ لِلّٰهِ رَبِّ الْعٰلَمِيْنَ ۙ﴿۱﴾ الرَّحْمٰنِ الرَّحِيْمِ ۙ﴿۲﴾

مٰلِكِ يَوْمِ الدِّيْنِ ؕ﴿۳﴾ اِيَّاكَ نَعْبُدُ وَاِيَّاكَ نَسْتَعِيْنُ ؕ﴿۴﴾

اِهْدِنَا الصِّرَاطَ الْمُسْتَقِيْمَ ۙ﴿۵﴾ صِرَاطَ الَّذِيْنَ اَنْعَمْتَ

عَلَيْهِمْ ۙ غَيْرِ الْمَغْضُوْبِ عَلَيْهِمْ وَلَا الضَّآلِّيْنَ ﴿۶﴾